

**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA INTERCULTURAL**

PAULO ROBERTO TSERE'ÔMORÁTE TSA'REI'Õ

**A ALFABETIZAÇÃO NA ESCOLA DO POVO XAVANTE NA ALDEIA
NOVA JERUSALÉM: CAMINHOS PARA A LEITURA E ESCRITA NA
LÍNGUA MATERNA E LÍNGUA PORTUGUESA**

**Barra do Bugres
2016**

PAULO ROBERTO TSERE'ŌMORĀTE TSA'REI'Ō

**A ALFABETIZAÇÃO NA ESCOLA DO POVO XAVANTE NA ALDEIA
NOVA JERUSALÉM: CAMINHOS PARA A LEITURA E ESCRITA NA
LÍNGUA MATERNA E LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade do Estado de Mato Grosso-
UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est.
Renê Barbour, como requisito parcial para
obtenção do título de Graduado em
Licenciatura em Pedagogia Intercultural.

Orientador: Prof.^a Ma. Dulcilene Rodrigues
Fernandes

**Barra do Bugres
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

T877a TSA'REI'Õ, Paulo Roberto Tsere'õmorâte
A alfabetização na escola do Povo *Xavante* na Aldeia Nova
Jerusalém:
caminhos para a leitura e escrita na Língua Materna e Língua
Portuguesa / Paulo Roberto Tsere'õmorâte Tsa'rei'õ. – Barra do Bugres, 2016.
33 f. ; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação
Licenciatura em Pedagogia Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena,
Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.
Orientadora: Profa. Ma. Dulcilene Rodrigues Fernandes.

1. Alfabetização. 2. Educação Indígena. 3. Educação Escolar. I.
Fernandes, D. R., Ma. II. Título. III. Título: caminhos para a leitura e escrita na
Língua Materna e Língua Portuguesa.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

PAULO ROBERTO TSERE'ÔMORÃTE TSA'REI'Õ

**A ALFABETIZAÇÃO NA ESCOLA DO POVO XAVANTE NA ALDEIA NOVA
JERUSALÉM: CAMINHOS PARA A LEITURA E ESCRITA NA LÍNGUA
MATERNA E LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Pedagogia Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia Intercultural.

Barra do Bugres, 14 de novembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ma. Dulcilene Rodrigues Fernandes
Professora Orientadora

Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino
Professor Avaliador

Prof. Dr. Neodir Paulo Travessini
Professor Avaliador

Prof.^a Dr.^a Maria Helena Rodrigues Paes
Coordenadora do Curso de Pedagogia Intercultural

**Barra do Bugres
2016**

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus pelos dons recebidos, por me fazer capaz de elaborar este Trabalho de Conclusão de Curso.

Agradeço aos meus pais, por me fazer acreditar na Educação e pelo incentivo aos estudos, por mais que fosse incompreensível ir à escola quando pequeno.

Agradeço à minha comunidade, por ter me dado oportunidade de estudar e por me apoiar, construindo, assim, um conhecimento escolar e conhecimento para a vida social da cultura *Xavante*, bem como compreender a lógica de funcionamento da sociedade urbana.

Agradeço a UNEMAT, por ter me dado a oportunidade de fazer parte do Projeto voltado para graduação de indígenas de Mato Grosso, através da Faculdade Intercultural, e, assim, me dado o conhecimento e abertura para discutir as Políticas de Educação Escolar Indígena, juntamente com os meus colegas de outras etnias de Mato Grosso.

Agradeço a FUNAI, por proporcionar a logística dos alunos, entre eles o meu, para o deslocamento de nossas aldeias para Barra do Bugres, nas Etapas Presencial e para os locais de realização das Etapas Intermediárias.

Agradeço a minha Professora e orientadora, Professora Dulcilene, por me orientar neste Trabalho de Conclusão de Curso e meu co-orientador, Prof. Welington Pedrosa Quintino.

Agradeço a Comunidade Indígena da Aldeia Nova Jerusalém, por ter me dado a carta de apoio e recomendação para fazer parte do grupo de acadêmicos da Turma 2012.

Agradeço aos meus colegas *Xavante* e aos colegas das outras etnias, como *Manoki*, *Terena*, *Suruí*, etc., por me apoiarem nos momentos difíceis, de modo a considerar que também foram pessoas como parte da minha família nestes cinco anos de curso.

RESUMO

O *Xavante*, povo denominado *A'uwẽ'uptabi*, forma uma nação que considera suas práticas culturais e língua materna como autênticas e tem sido ancestral como habitante deste país chamado Brasil. Vive em seis Terras Indígenas, já demarcadas pelo governo brasileiro, situadas no estado de Mato Grosso. O aprendizado tradicional entre os *Xavante* é um processo que acontece ao longo de toda a vida, desde quando nasce, quando é criança, quando fica adulto e até a velhice. Tendo em vista o contato com a sociedade ocidental, além dos aprendizados tradicionais, foi necessário a educação escolar para se relacionar com os não indígenas. Este trabalho pretende refletir sobre a alfabetização entre os *Xavante* da Aldeia Jerusalém-MT, sendo que os envolvidos foram os educadores das escolas Municipais Indígenas do município de Barra do Garças, bem como os sábios anciões indígenas, isto para poder avançar nos estudos e ao mesmo tempo preservar o que se passa no dia a dia dentro das comunidades. O tema apresenta as necessidades de aprender a ler e escrever, mas não deixar de se observar as questões de práticas da cultura ocidental, muito presente na rotina xavante, assim como outros problemas, principalmente na gestão educacional, infraestrutura, como por exemplo, a falta de construção de escolas, repasse de recursos, orientações pedagógica, etc. O objetivo do trabalho é mostrar como a criança xavante aprende no dia a dia da comunidade e como devemos ensinar na educação escolar para os alunos compreenderem o trabalho da escola e abrir as visões dos educadores que ainda necessitam de orientação Pedagógica, para que tenham uma educação específica, diferenciada, porém de qualidade. Esta pesquisa contribui com a comunidade para valorizar a importância da educação escolar indígenas tanto para os professores quanto para os pais dos alunos que atuam dentro da instituição.

Palavras-chave: Alfabetização. Educação indígena. Educação escolar.

RESUMO LÍNGUA MATERNA

Āhã romhuri hã, rowaihu 'udzéb na hã a 'uwě mreme na wamhã duré Tsiróma mreme na wamhã te we watsu 'u ro 'mahörö itsihöhö na we itsimi 'wara mono 'remhã duré romhuri ubumro idzató dzahadu te romhuri ré hã 'riwa 'õtö 're(romnhörédzéb 're). Itébré hã te we tihöiba dama romnhöré 'wa município 're te we 're iromhuri dza 'ra mono hawi-Barra do Garças nhimi 'madö hã duré iprédu nhimiro 'madö 'ö hawi, rowaihu 'u na hã, wa te dame adza 'ré dza 'ra da duré imé hã wahöimanadzé wa te 'madö 'ö wě 'u 'ötsidza 'ra mono da bötö na 'ãma wahöimanadza 'ra mono wamhã. Duré romhuridzé i 'ãma itsimé hã, romhö na robdzanhanridzé (internet). Romhuri hã te watsu 'u 'ödi itsihötö waihu 'utsi duré itsöré waihu 'utsi, irowimhã te we watsu 'u, romnhödzé we dama itsimatsa mono hã, te we tãma höimanadza 'ra ropire, tahã ropire hã, da 'rã ibö te romhuri 'öwa-robdzaridzé höimana nhērē- tedza tsô tirobaba-romnhörédzébzdô ('ripré) duré robdzaridzé niwamhã tedza rere'e aima wi danhiba 'rata 'u ahödi. Romhuri himi ro 'madö 'ö uptabi hã tedza watsu 'u, e 'niha wadza 'ãma watsitsanhödza 'ra romnhöré 'wa nori ma hã, te tsadaihu 'u dza 'ra da hã, romnhörédzé nhimi romhuri hã, duré ro 'madö dama romnhöré 'wa nori te tsadaihu 'udza 'ra da hã dzahadu tãma itsadaihu 'u 'prã hã, wě na rowaihu 'udzé hã itsihötö na wama höimanadza 'ra da hã, tsi 'uiwa na (tsiróma te na wamhã).

Damreme tsari: *Ro 'mahörö itsihötö we istimi 'wara mono remhã. Iprédu, robdzaridzé. Itsihötö waihu 'u tsi duré itsöré waihu 'u tsi, ro 'madö, rowaihu 'udzé.*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Alunos da escola da aldeia jogando bola	13
Figura 2 –	Homem Xavante realizando atividade ritual	14
Figura 3 –	Mulher e crianças descascando abóboras, na Aldeia <i>Etenhiritipa</i> – um momento de aprendizagem	15
Figura 4 –	Mulher Xavante com suas filhas em atividades rotineiras	15
Figura 5 –	Crianças no dia da luta do do <i>ói'ó</i> – um momento de aprendizagem	17
Figura 6 –	<i>Wapté</i> (adolescente) Pintura no abdome e efeito na cabeça	22
Figura 7 –	<i>Aihö'ubuni</i> . Orientador e líder do grupo com cinto e gravata.....	22
Figura 8 –	Aprendizagem na realização de rituais	24
Figura 9 –	A escola contribuindo na aprendizagem da cultura tradicional	24
Figura 10 –	Desenho representando som alfabético	25
Figura 11 –	Alunos de Alfabetização da Escola Municipal Indígena de Ensino Fundamental Nova Jerusalém em momento de dança e canto	28
Figura 12 –	Alunos fazendo atividade, na turma multisseriada do 3º à 5º ano	28
Figura 13 –	Momento de aplicação de atividade e orientação do educador, fazendo experiência dentro de um ano	29

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
CAPÍTULO I - O POVO XAVANTE	10
1.1 Localização da Terra Indígena, população e língua.....	12
1.2 Caracterização da escola e aldeia do Acadêmico	12
CAPÍTULO II - A EDUCAÇÃO TRADICIONAL DO POVO XAVANTE	14
CAPÍTULO III - A EDUCAÇÃO ESCOLAR E O POVO XAVANTE.....	18
3.1 Contribuição do trabalho à comunidade	20
CAPÍTULO IV - A ALFABETIZAÇÃO XAVANTE E SEUS MÉTODOS.....	22
4.1 A Prática Pedagógica	23
4.2 Aspecto de língua e cultura do povo <i>Xavante</i> : processo de formação dos educandos na cultura e língua	23
4.3 Alfabetização do <i>Xavante</i> - conhecimento local e global	24
4.4 Pedagogia do <i>A'uwẽ'uptabi'</i> : Pedagogia Diferenciada	26
4.5 O processo natural de ensino da criança xavante.....	27
4.6 Escola Municipal Nova Jerusalém: sustento de uma escola multisseriada.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICA.....	32

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre a compreensão dos processos de alfabetização e letramento, tratando da origem, conceitos e especificidade de cada um desses processos educacionais. O surgimento do tema deste trabalho, foi através dos encontros pedagógicos, que aconteceram em dias agendados pela equipe do Departamento de Educação Escolar Indígena do município de Barra do Garças.

Argumentando sobre as escolas indígenas, pode-se ver que essas podem ser melhor compreendidas, se forem vistas mais de perto, tanto pelos *Xavante* quanto pelos que não são indígenas, no caso aqui, os técnicos da Secretaria de Educação que fazem orientação administrativa e pedagógica. O trabalho foi elaborado com um planejamento que pudesse reunir tais profissionais que atuam na área da educação, no entanto, foram poucos os que se interessaram a colaborar na discussão sobre a alfabetização e letramento das crianças indígenas (*Xavante*). Talvez seja por que ainda desconhecem plenamente o ensino pedagógico e como começar a ensinar a ler e escrever em contexto de escola indígena. Esta é a dúvida que os profissionais levam consigo, mesmo que sejam oferecidos materiais para o desenvolvimento dos trabalhos, parece que falta aos educadores a compreensão sobre a estrutura básica da educação atual, seja na política, seja na responsabilidade do município.

Na produção deste trabalho, foram envolvidas duas escolas municipais indígenas, a Nova Jerusalém e a Sbardelott, que são coordenadas pelo Departamento de Educação Escolar Indígena Municipal. A pesquisa foi desenvolvida pela necessidade da comunidade poder explicar a sua proposta pedagógica que se baseou, principalmente, na valorização das crianças e das suas características mais elevadas, como autoconfiança, responsabilidade, generosidade, respeito, alegria, entre outras. A preocupação é com a consolidação de uma escola que cumpra efetivamente seu papel de ensino e que os professores possam conhecer práticas pedagógicas eficientes e inovadoras, mediante um processo de formação que contribua para a reflexão e a atuação destes nas escolas das aldeias *Xavante*.

CAPÍTULO I - O POVO XAVANTE

O povo *Xavante*, que se autodenomina *A'uwẽ'uptabi*, conforme a classificação linguística, fala a língua xavante, do grupo *jê*, e é considerado como povo autêntico do cerrado do Estado de Mato Grosso. Este povo habita grande região em seis Terras Indígenas já demarcadas. Estão localizadas em nove municípios: Paranatinga, Primavera do Leste, General Carneiro, Barra do Garças, Nova Xavantina, Campinápolis, Água Boa, Canarana e Bom Jesus do Araguaia. O povo *A'uwẽ'uptabi* habita as seguintes Terras Indígenas (TI): TI *Xavante*; TI São Marcos, TI Sangradouro, TI Pimentel Barbosa, TI Marechal Rondon, TI *Parabubu*, considerada antigamente como *Nõrõtsu'rã* e *Marãatsédé*.

Antigamente, os *Xavante* viviam nas matas e no cerrado, transformando e valorizando a sua própria vida cultural com objetivo de preservar o que ainda hoje está em pé, preservado, mesmo tendo a desvalorização pelo não indígena. No entanto, graças aos contos e esforços dos anciões, que todos chegaram até esse momento e que o povo tem o futuro melhor, principalmente para as gerações atuais, assim, ainda encontramos a cultura dos seus antepassados vivendo bem com a valorização do seu próprio povo *Xavante*. Então, o povo *Xavante* vivencia ainda a sua cultura como seus antepassados, praticando *wai'a*, (*da'rini*)¹ e *uiwede* (*danhõno*)² que é um dos principais rituais que o povo tem, por exemplo, o *danhõno* é realizado dentro de cinco anos aproximadamente e o *da'rini* demora quinze anos ou mais.

O povo *Xavante* acredita no poder sobrenatural como sol, terra e lua (o filho o anunciador de Deus, sendo entendido como filho do criador).

A mitologia do povo *Xavante* vem do espírito do homem, que representa dois ensinamentos que vem dos nossos antepassados. Esses ensinamentos se referem à divisão dos clãs, sobre a cerimônia da passagem dos adolescentes, cerimônia do *wai'a* que representa o sol e lua, mais a purificação, o próprio homem pratica para que o bem e o mal não estejam juntos, para isso foi criado a divisão de rituais. As divisões dos rituais foram decoradas pelos anciões sábios, e só eles que são ouvidos pelas pessoas que fazem parte do *warã*. *Warã* é o lugar, geralmente no centro da aldeia, onde os homens se reúnem toda manhã e todo final da tarde para esclarecer coisas da comunidade. Também é no *warã* que se discute, entre outras coisas, a

¹ *Da'rini* - Ritual sagrado de espiritualidade para o *danhimite* que chamamos de cerimônia, o qual tem coisas que não podem ser revelados. O *wai'a* é a palavra que representa segredo e correção de vida dos *Xavante*, que não deve se envolver com pessoas de clã com o mesmo clã, isso traz consequências para família, e a família não pode fazer nada para defender o filho (a).

² *Danhõno* - Ritual de passagem dos adolescentes para a fase adulta; neste ritual se pratica *uiwede* que é a corrida da tora de buriti. *Uiwede* é a tora.

organização das festas. A festa deve acontecer de acordo com o planejamento deles e a articulação da própria comunidade. Mesmo tendo as coisas (da organização da festa) sendo faladas só na oralidade, a festa acontece de acordo com o planejamento dos anciões e não há discordância e manipulação de conversas, só há respeito e troca de ideias, que é a estratégia. Então, o lugar de aprovação total é o *warã*³.

O *warã* é o centro da história do povo *Xavante*, e onde tem *warã* há educação da comunidade, que envolve as crianças, jovens, adultos e mulheres principalmente, com olhares dos anciões e, a cada ano que passa, vem se alterando os comportamentos da sociedade através do próprio transporte da família. As famílias tentam preservar e valorizar a cultura do povo e da família; quando tudo isso é colocado em prática, à base da convivência, ainda fica fortalecida a cultura, o costume tradicional e também pode envolver todo o ritual da festa.

A primeira parte da festa é *Uiwede* (a corrida da tora de buriti). Dentro do ritual da festa da corrida da tora de buriti, em geral, os homens praticam a corrida entre quatro grupos em dois lados. Primeiro lado, *Nodzô 'u*⁴, *Êtêpa*, *Hötö 'rã*, *Tsada 'ró*, e no outro lado, *Anarówa*⁵, *Abare 'u*, *Ai 'rere*, *Tirowa*. Além dessa divisão tem também a parte da religiosidade, que é o *wai 'a*, e dentro dessa formação há processo que o iniciante terá que passar, que é *darĩni*. *Darĩni* é uma cerimônia que só é permitido a participação de homens. O ritual sagrado não acontece por acaso e não foi inventado, mais vêm dos antepassados, para o povo ter purificadores. Os iniciantes que irão servir como recrutas serão os guardiões, depois de ser consagrados e testados por dois ou três meses para poder resistir o calor do sol e o frio da noite. Este ritual só é realizado na época da seca, e a eles não é permitido beber água e nem ficar com a mulher durante a cerimônia da passagem, para terem força e também de captar energia espiritual para eles terem o dom de sonhar.

Depois de passar a cerimônia, já começa o canto. Toda vez que os cantores quiserem fazer a cerimônia do canto, ela é feita para a comunidade e para os doentes. Além do *wai 'a* tem outro que faz parte dele, *Datsipadö*, mas tem o mesmo significado, que em geral o povo costuma dizer que é o canto para glorificar a deus que na língua xavante é *Danhimite*⁶.

³ *Warã* - Lugar de encontros dos anciões, e nestes encontros é que se planeja a realização de rituais.

⁴ *Nodzô 'u* - Nome dado pelos antepassados como milho; *Êtêpa-Pedra* comprida, *Hötörã-Manchadão*; *Tsada 'ró-bafado*; e no outro grupo.

⁵ *Anarówa-fese*; *Abare 'u* - Pequim; *Ai 'rere*- Coisa que fica por dentro; *Tirowa*-Passaro extinto.

⁶ Deus que tem três corpo-xavante, espírito, e última vida que é eternidade como diz a teoria da religião que é do outro lado do mundo.

Observ: O povo xavante acredita no poder sobrenaturais como sol, terra e lua (o filho o anunciador de Deus, sendo entendido como filho do criador).

1.1 Localização da Terra Indígena, população e língua

A Terra Indígena São Marcos, onde se localiza a Aldeia São Marcos, fica aproximadamente a 120 km da cidade e a aldeia é a única maior aldeia da região, que todos chamam de “Aldeia mãe”.

O modo de sobrevivência do povo é caça, pesca e artesanato. No tempo da chuva a forma de sustento da família é o peixe e as raízes do cerrado, que o povo chama de *abahi*, na verdade este nome é em geral denominador de variedade de raízes alimentícias, em geral, como cará.

A caça acontece dependendo do tempo adequado e do conhecimento do caçador. Como o tempo é longo, a espera para a chegada do tempo de caça deixa o caçador ficar ansioso para um dia de caça. Nem todos têm característica de um caçador, mas tendo paciência, aos poucos, a adaptação irá surgir.

1.2 Caracterização da escola e aldeia do Acadêmico

A minha aldeia se chama Nova Jerusalém, e as casas são feitas de palha e ela fica aproximadamente 3 km da Aldeia São Marcos. Da cidade para aldeia, a distância é 123 km.

A aldeia é construída em forma circular, e as casas ficam, mais ou menos, 4,5 metros umas das outras. No total, são 12 casas, onde moram três ou quatro famílias em cada casa. Ao todo, são 120 pessoas que moram na Aldeia Nova Jerusalém.

Os anciãos sempre orientam os jovens e mulheres da comunidade para que a relação do modo de vida anterior e atual sejam vistos de forma valorizada. A orientação deles, também, é de procurar o conhecimento de fora, tal como na saúde, educação, e de outras, para poderem sustentar a comunidade, mas, de qualquer forma, sempre valorizando a cultura e incentivando para não deixar o costume tradicional.

Na aldeia funciona uma escola, a Escola Municipal Indígena de Ensino Fundamental Nova Jerusalém, que tem turmas multisseriada, atendendo 67 alunos, das séries iniciais até o Ensino Fundamental, que é o oitavo ano. Este acadêmico ocupando o cargo de educador e a escola também tem mais quatro professores. Trabalhando o projeto do “Programa Mais Educação”, tem mais três monitores.

Figura 1 – Alunos da escola da aldeia jogando bola



Fonte: Paulo Roberto Tseré'ōmorāte tsa'réi'ō,

CAPÍTULO II - A EDUCAÇÃO TRADICIONAL DO POVO XAVANTE

Desde os antepassados a educação foi muito importante para os povos indígenas, para orientar as suas gerações nas práticas do dia a dia. Ao longo de toda vida as pessoas passam por muitos aprendizados, aprendendo os mais diferentes jeitos de viver e em vários momentos. O que se aprende e com quem se aprende também é muito diverso em cada lugar.

Figura 2 – Homem Xavante realizando atividade ritual



Fonte: Nilson Tserewatsa Tsa'é'ōmo'wa, 2004

As crianças indígenas, por exemplo, aprendem muitas coisas com seus pais e parentes mais próximos, como os irmãos e os avós. Os conhecimentos podem ser transmitidos durante as atividades do dia a dia ou em momentos especiais, durante os rituais e as festas. É principalmente na relação com seus parentes que as crianças aprendem. Caminham junto com eles, observam atentamente aquilo que os mais velhos estão fazendo ou dizendo; acompanham seus pais até a roça, vão pescar com os adultos.

As meninas acompanham e ficam perto de sua mãe, avó, tias e irmãs mais velhas e vão olhando elas fazerem as coisas do dia a dia. Aos poucos as meninas começam a fazer também as tarefas que cabem á mulheres. As crianças brincam muito! Cada brincadeira é um jeito de aprender uma habilidade que será importante no futuro, como saber caçar, pescar, fazer pinturas no corpo, fabricar arcos e flechas, potes, cestos, colares, etc. É por meio destes processos de aprendizagem que as crianças aprimoram as técnicas necessárias para realizar tais atividades.

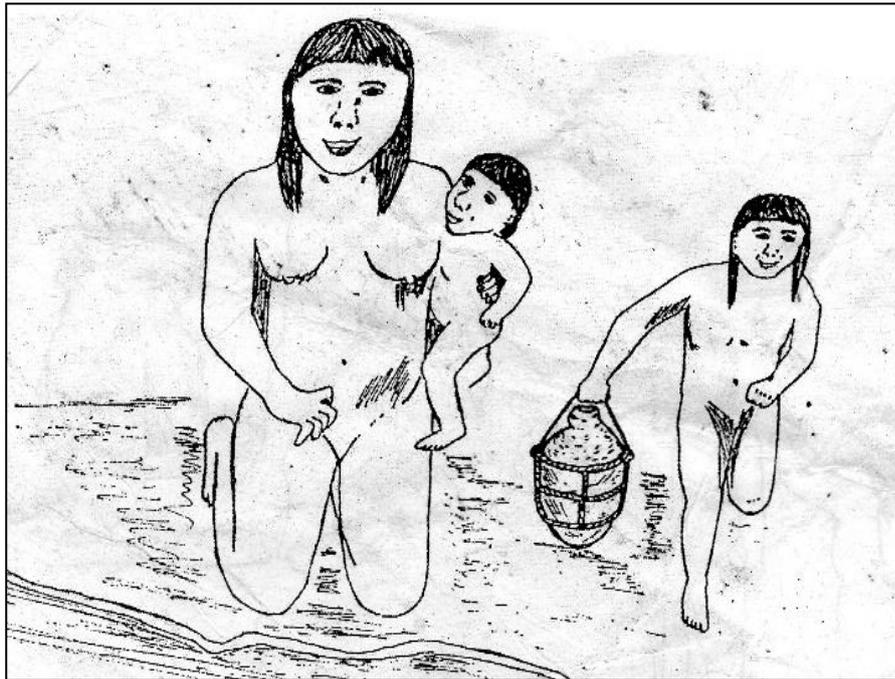
Figura 3 – Mulher e crianças descascando abóboras, na Aldeia *Etenhiritipa* – um momento de aprendizagem



Fonte: Camila Gauditano, 2016

Na convivência com os mais velhos aprende-se o jeito certo de se comportar e de se relacionar com todos da família e o grupo. Dessa forma, as crianças aprendem, por exemplo, quem são as pessoas que devem ser tratadas como irmãos e irmãs, como tios e tias, com quem poderão se casar no futuro, etc. Dessa maneira, vão entendendo qual a sua importância na comunidade. Pouco a pouco, as crianças aprendem os modos de agir, os princípios e tudo aquilo que é importante para que se tornem pessoas produtivas e participativas.

Figura 4 – Mulher Xavante com suas filhas em atividades rotineiras



Fonte: Autor desconhecido

Os *Xavante*, que vivem no estado de Mato Grosso, no cerrado brasileiro, se autodenominam *A'uwẽ*, que na língua xavante quer dizer “gente”. O aprendizado entre os *Xavante* é um processo que acontece ao longo de toda a vida, desde quando se é criança até a velhice. Em cada etapa deste longo caminho, novos conhecimentos são adquiridos nas mais diferentes situações: algumas são entendidas como momentos de aprendizagem (como é o caso dos rituais), outras estão relacionadas com as pequenas atividades realizadas no dia a dia.

As situações mais cotidianas são momentos de aprendizagem valorizados pelos *A'uwẽ*. As crianças costumam caminhar livres pela aldeia acompanhando outras pessoas (sejam crianças, velhos ou adultos) em suas atividades e são nestas ocasiões que elas aprendem a identificar as regras que orientam sua sociedade.

As tarefas domésticas são aprendidas também no cotidiano. Ao mesmo tempo em que ajudam seus parentes a tomar conta do irmão, lavar roupa, levar e trazer recados, preparar comidas, as crianças brincam e se divertem. Assim, o aprendizado vai acontecendo aos poucos. A brincadeira é um jeito de aprender. Os meninos, por exemplo, aprendem a fazer arcos e flechas desde pequenos e brincam ao redor da casa imitando caçadores e bichos. Vão aperfeiçoando a maneira de fazer os objetos e assim, quando forem adultos, conseguirão fazer arcos e flechas bonitos e bons para caçar, além de desenvolverem as habilidades físicas para se tornarem bons caçadores.

As crianças Xavante costumam repetir muitas vezes a mesma brincadeira, buscando novas possibilidades e desafios a cada repetição. Dessa forma, melhoram suas habilidades e aprendem suas possibilidades e do mundo à sua volta. Brincar de casinha é um bom exemplo disso. Ao construir, com o barro, uma casa em miniatura, imitam as divisões internas de sua própria casa e assim a criança *Xavante* reflete sobre a organização doméstica e os espaços da aldeia, e aprofunda o conhecimento que tem sobre sua comunidade. Os rituais são importantes situações de aprendizagem. Nestes momentos todo mundo aprende: os jovens aprendem mais sobre os valores, princípios e modos de agir do seu grupo e os adultos aprendem com os mais velhos todos os detalhes da realização de um ritual.

Mesmo tendo aulas na língua indígena, é muito importante aprender o português na escola. Saber falar a língua portuguesa é uma das maneiras que os povos indígenas têm para se comunicar com diferentes pessoas, interpretar e compreender as leis que orientam a vida no país, principalmente aquelas que dizem respeito aos direitos dos índios. Afinal, todos os documentos necessários para se viver na sociedade brasileira são escritos em Português. O aprendizado da escrita em Português tem, para os povos indígenas, funções muito claras: dá chance de defenderem seus direitos e acesso ao conhecimento de outras sociedades.

Figura 5 – Crianças no dia da luta do do ói'ó – um momento de aprendizagem



Fonte: Paulo Roberto Tsere'õmorâte tsa'réi'õ, 2016

CAPÍTULO III - A EDUCAÇÃO ESCOLAR E O POVO *XAVANTE*

A educação escolar para o povo *Xavante* é muito recente, até os anos oitenta o ensino da escrita era desconhecido para o povo. Como era do costume de antigamente, o ensino era oral, mas com o passar de tempo em função da necessidade, a escrita foi surgindo entre o povo. Este surgimento veio através dos missionários, no entanto, o ensino que era repassado ainda não era suficiente para o povo nativo que sempre levou suas tradições desde o tempo em que eram chamados de nômades.

Os registros das crianças alfabetizadas naquele tempo era só para os cantos, o direito de aprender era só para criança de maior idade. De lá para cá, até 1995, os registros dos missionários sobre o ensino básico para os *Xavante* eram as cartilhas para crianças que estavam na fase de alfabetização, como *Damreme pru ubumrõ* (conjuntos de letras) e mais outras. O ensino foi pesquisado e executado por diversos missionários sem a consulta do povo. Os consultados foram apenas aqueles que estiveram na publicação dos diversos livrinhos, e os tempos se passaram e as conquistas vêm surgindo da maneira que cada povo quer, como no velho ditado diz que “é ensinando que se aprende” e aprendeu o que eles não enxergavam.

No mundo atual, o povo em geral, acha que uma das maiores riquezas de um país é a educação do seu povo e que uma educação começa nas séries iniciais com uma alfabetização de qualidade. Porém, o processo de alfabetização inicial, na maioria das escolas brasileiras, seja indígena ou quilombola, muitas vezes tem tido como resultado o insucesso e uma defasagem muito grande, prejudicando na aprendizagem dos alunos que saem das séries iniciais até o ensino fundamental meio despreparado para continuidade dos estudos. Por isso, os povos indígenas que alfabetizam suas crianças, distantes da sociedade urbana, sempre lutaram para terem uma escrita própria. Porém, a compreensão, o desafio, não é só de um povo, mas sim de toda sociedade brasileira. Mas, a realidade é que a escola brasileira, de modo geral, forma alunos que mal conseguem ler e escrever, que não sabem ao menos interpretar e produzir pequenos textos.

Esta é uma discussão propícia para se dar com educadores indígenas, ou seja, dizer que há diferenças na alfabetização de língua materna, em relação a educação nacional, seria importante alfabetizar os indígenas *Xavante* na sua própria língua; isso seria o melhor para sociedade indígena para o reconhecimento do instituto reconhecadora. No entanto, vendo a ação cotidiana, pode-se citar e comparar com as tradições do povo *Xavante*, ou seja, se servir da oralidade para alfabetizar os educandos nos anos iniciais. E agir de forma comparativa de acordo com os costumes da cultura, pensando na realidade das crianças que no mundo de hoje

não tem mais aquela tradição da escuta e do registro a partir de desenhos, das histórias, dos traçados no chão, pois parece que tudo já foi registrado. Na verdade, pensar sobre o trabalho do alfabetizador é urgente, pensando que todos têm que ser alfabetizados e que a sua ação tem que se basear nos costumes e no que já existe e que está registrado, pois o tempo passa voando: isso é uma questão que todos educadores devem levar na mente.

Anteriormente o ensino de leitura e de escrita era desconhecido pelo povo *Xavante*, mas, as mudanças vêm ocorrendo através do contato com o não índio. Que mudança? Atualmente em toda região da TI São Marcos, as escolas indígenas têm agido de forma repetitiva, fazendo o principal da época da “decoreba”, quando se alfabetizaram às duras penas (sofrimento), mas isso pelo menos ajudou o povo a mudar de vida, então, passou a pensar o porquê e como era a educação escolar que recebiam. Antigamente, no início da escolarização, o ensino que o povo recebia era aquele de não poder falar sua língua materna, uma vez que os responsáveis eram aqueles (não indígenas) que desconheciam a pedagogia da vida e desenvolvimento das crianças indígenas.

Com a Constituição Federal de 1988 e a LDB de 1996, os indígenas tiveram oportunidade de terem reconhecimento e valor para uma educação diferenciada. Nas Aldeias a escolarização foi sempre com esforço, mesmo não tendo o valor, mas lutaram e insistiram para que sua cultura fosse reconhecida como conteúdo escolar e garantiram o direito de registrar os seus trabalhos tornando e se transformando em norma, que hoje é conhecida como RCNEI (Referencial Curricular Nacional das Escolas Indígena).

Mesmo assim, muitas instituições municipais ou estaduais desconhecem que o RCNEI ampara as atividades específicas e diferenciadas nas escolas indígenas, dificultando e impedindo que os professores de cada etnia possam trabalhar nas suas escolas como educador que valoriza suas tradições culturais, de uma forma diferenciada.

No momento, as escolas indígenas estão tendo dificuldades de alfabetizar crianças na idade certa. Mesmo o Governo Federal tendo oferecido os programas para as escolas indígenas, os educadores têm tido dificuldade de sustentar as aulas dentro da própria sala, por motivo da falta de orientação das gestões pedagógicas (municipal e estadual). Mesmo sendo trabalhado o Projeto Político Pedagógico dentro das escolas, os professores se sentem inseguros por falta de formação e acabam se desinteressando pela prática escolar e dificulta para a comunidade que são os pais dos alunos, ou seja, acabam se desinteressando por ações diferenciadas nas salas de aula.

Assumir o cargo que desconhece, no caso aqui o de professor, dificulta o seu trabalho, no entanto, a busca pela formação faz com que este profissional lute pela vida do povo ou de

uma sociedade E é assim que os educadores Xavante lutam há mais de 25 anos por uma educação melhor, e, diante de tudo isso, estes se apaixonam pela educação, trabalhando sem desistir de seu compromisso.

O professor alfabetizador precisa discutir a alfabetização seja na língua portuguesa, ou na língua materna, de modo que essa possa contribuir na formação certa dos educandos, facilitando a compreensão de todas as disciplinas. Além de tudo, isso dará facilidade para os pais, pois, compreenderão sobre os deveres e os direitos que as escolas oferecem para os alunos. Vendo o ensino que havia na época em que os missionários ou o governo militar forçavam os educandos para poder aprender as coisas e os ensinamentos escolares só para passar de ano – era proibido falar língua nativa, não havia liberdade para o prazer, lazer, e outros sentimentos – era uma época em que tinham que viver só pela vontade dos não índios e como eles queriam.

Antigamente, a compreensão do código escrito do povo *Xavante* era através da pintura e símbolos que ficavam na parte de cima do corpo (rabisco) ou na batata da perna pintada com carvão. Os estudiosos consideram que esta prática era como uma forma de ensino de alfabetização e letramento, ou seja, as crianças aprendiam com o ensinamento do pai ou com pessoa mais sábia através da observação.

Conforme as pinturas, dava para se comparar um com outro, identificando as pessoas de cada clã. Como exemplo: uma criança *Öwawe* e *Poredza'õno*⁷, (isso significa Girinos e Rio grande) dois clãs importantes que estão sempre presentes no ritual de *ôi'ô*⁸, no dia a dia da vida é identificada quando uma criança é de outra aldeia e que tem símbolo e pintura diferente pode ser considerado *öwawe* ou *Poredza'õno*, lembrando que *ôi'ô* é praticado pelos meninos ou garotos que são considerados como adolescente e que tem 15 e 17 anos de idade.

3.1 Contribuição do trabalho à comunidade

O trabalho irá contribuir na compreensão de escrita e leitura, e irá ajudar a comunidade a compararem o modo de alfabetização, seja na língua portuguesa quanto na língua materna, e irá contribuir na formação certa dos educandos, facilitando a compreensão de todas as disciplinas.

⁷ *Poredza'õno* é o clã que se direciona ao nascer do sol; *Öwawê* é o clã que se direciona ao pôr do sol.

⁸ *Ôi'ô* é uma prova onde os garoto e meninos são testados para mostrarem coragem antes de serem iniciados na vida *wapté*, depois da prova não podme brigar entre si, e convivem todos no mesmo o lar de respeito.

Além de tudo, isso dará garantia e facilidade para os pais, principalmente para os profissionais, no acompanhamento dos educandos, seja fora das escolas para aqueles que trabalham na área de gestão, e clareza para os familiares dos alunos como, saber os deveres que as escolas oferecem para os alunos para cumprirem a carga horária deles.

Vale lembrar o ensino que havia na época que os missionários ou no governo militar ofereciam à força, quando o educando, para poder passar de ano, tinha que ter tática diferente de não falar língua nativa, e não havia liberdade para o prazer, lazer, e outros sentimentos que era pela vontade deles.

CAPÍTULO IV - A ALFABETIZAÇÃO XAVANTE E SEUS MÉTODOS

Como já falei acima, antigamente o código escrito do povo *Xavante* era através da pintura e símbolo que ficava na parte de cima do corpo (rabisco) ou na batata da perna pintada com carvão, e os estudiosos consideram isso como uma forma de alfabetização e letramento. Naquela época as crianças aprendiam com o pai ou com pessoa mais sábia, observando os diferentes sinais no corpo das pessoas e comparava um com outro. Um exemplo: uma criança *Öwawe* e *Po' redza'õno*, (isso significa Girino e Rio grande), os dois clãs importantes que está sempre presente no ritual de *ôi'ô*, identificava os clãs de uma criança de outra aldeia quando via o símbolo e pintura diferente, pode ser considerado *Öwawe* ou *Poredza'õno*. O ritual *ôi'ô* é praticado pelos meninos ou garotos que são considerados como adolescente e que tem 15 e 17 anos de idade.

Isso é a identificação que o povo xavante utiliza para ensinar as crianças na leitura e compreensão, os antepassados Xavante consideravam como o “ensino”, além disso, tem diversas variedades de código que o educando pode aprender, desde década de 60 até esse ano, podemos aproveitar tudo o que tiver de importante.

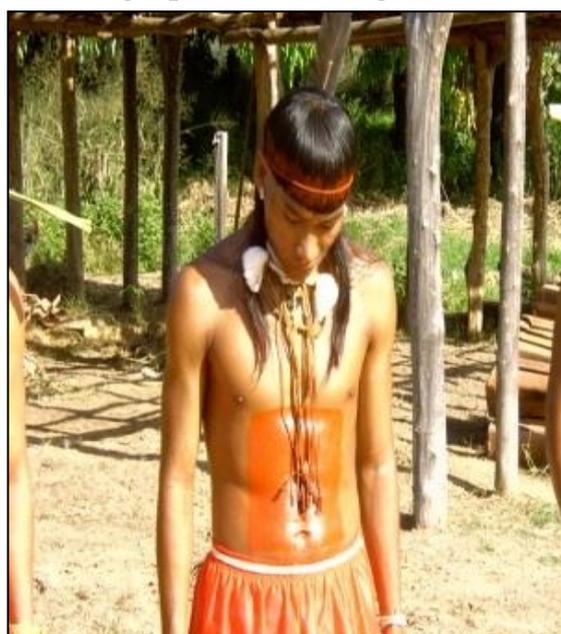
Abaixo podemos ver duas imagens que mostram as diferenças de identificação dos sinais e usando diferentes enfeites.

Figura 6 – Wapté (adolescente) Pintura no abdome e efeito na cabeça



Fonte: Faustino Tsa'róireTsōrōpré

Figura 7 – Aihō'ubuni. Orientador e líder do grupo com cinto e gravata



Fonte: Faustino Tsa'róireTsōrōpré

Nesse caso, a comparação é bem assimiladora para ser compreendida pelas crianças, mas o enfeite pode dar pistas, sem comparar se outro é *öwawe* ou *Poredza'õno*.

4.1 A Prática Pedagógica

Antigamente, quando ainda os missionários centralizavam o ensino da escola e da comunidade xavante, a primeira missão e desafio que os missionários tiveram para alfabetizar, era ensinar os que tinham mais idade, os adolescentes. Eles escolhiam os que ainda não sabiam ler, nem identificar objetos que os não índios usavam, mas tinham facilidade de compreender os sons quando era ensinado e facilidade para repetir os sons das letras ou de nome de objeto.

A seguir irei falar sobre a diferença entre o desenvolvimento e repasse da ideia para o papel.

4.2 Aspecto de língua e cultura do povo *Xavante*: processo de formação dos educandos na cultura e língua

Entre o povo *Xavante* não se pode misturar a fala de menino com a fala de menina, mas, na leitura, são pronunciados juntos, tanto a fala de meninos quanto das meninas, como na língua portuguesa. O que a menina pode falar o menino também pode, mas na língua xavante é diferente, o menino tem a resposta de (o que) de *e'mari* e a menina de *e'tiha*, ou seja, sons não iguais uns dos outros.

Na cultura do povo *Xavante* também há divisão quando acontece os rituais. Tem dia que acontece ritual só para as mulheres, e as meninas tem que observar ou participarem para poder compreenderem os nomes e movimentos da maioria das mulheres que praticam os rituais e o modo que elas falam. Já, os meninos, também aprendem através da observação, quando os adultos falam e se comportam.

Uma demonstração, abaixo, de como é diferente modo de usar a língua, ou seja, uma mesma expressão é falada diferente pelo menino e pela menina.

Menina; (o que) - *E'tiha*

Menino; (o que) - *E'mari*.

Como podemos acompanhar no exemplo que dei, o que munda é a pronúncia de uma criança xavante. Vai ser na brincadeira e na convivência com a mãe ou com o pai que a criança vai percebendo a diferença da pronúncia e vai aprendendo a usar também a língua. Atualmente, a escola tem objetivo e compromisso de complementar estes aprendizados e valorizar e contribuir com a família transformando o processo de aprendizagem, valorizando a cultura tradicional.

Língua e cultura são aspectos diretamente relacionados e complementares entre si e pela família, é intermediado pela cultura inclusive, a cultura perpassa a escola transformando e mudando o ritmo da vida – a criança se constrói. Assim, o que diferencia a criança de outros seres humanos é justamente o desenvolvimento de pensar, de refletir e de utilizar o raciocínio para se comunicar; buscando tanto melhorar suas condições de vida, quando repassa esses conhecimentos aos demais. Logo, tudo se cria ou produz em mente que socializa, chama-se cultura. E dentro dela, uma das manifestações criadas pelas crianças, é tentação de observar como forma-se a linguagem.

Abaixo, exemplo de momentos de aprendizagem de crianças e adolescentes.

Figura 8 – Aprendizagem na realização de rituais



Fonte: Faustino Tsa'róire Tsõrõpré

Figura 9 – A escola contribuindo na aprendizagem da cultura tradicional



Fonte: Faustino Tsa'róire Tsõrõpré

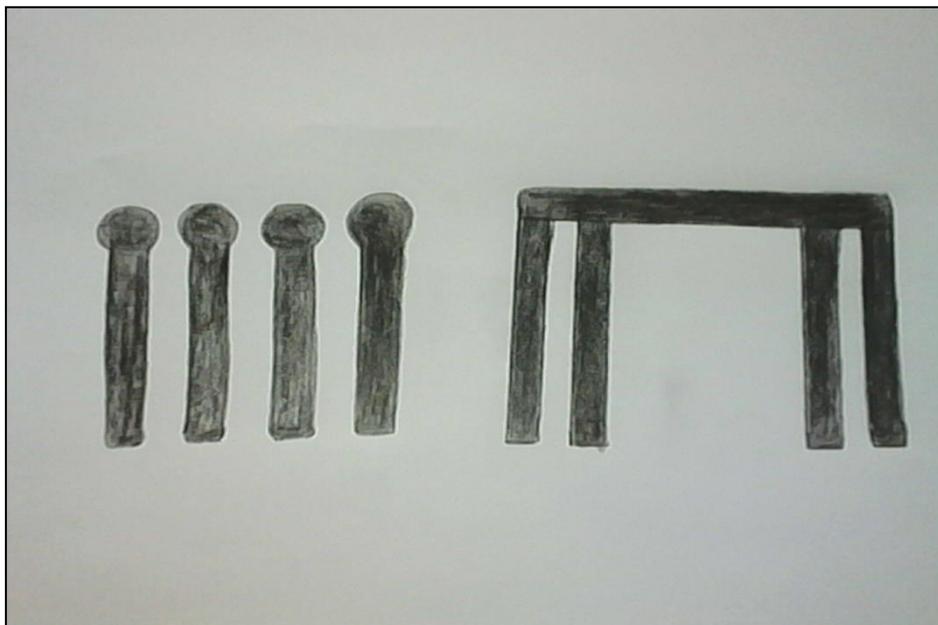
4.3 Alfabetização do *Xavante* - conhecimento local e global

Estudando a origem da alfabetização, é possível constatar que devido às necessidades da comunicação, plano, e registro para o dia a dia da humanidade é que surgiu a escrita e a

leitura, e que ao inventar a escrita, o homem também fez surgir a necessidade de que ela continuasse a ser usada e passada para as novas gerações. Devido a essa necessidade surgiu a alfabetização, ou seja, processo inicial de transmissão de processos de leitura e escrita.

A seguir apresento um desenho que demonstra uma prática diferenciada de desenho da transformação de sons representando som alfabético.

Figura 10 – Desenho representando som alfabético



Fonte: Paulo Roberto Tsere'ōmorāte Tsa'rúi'ō, 2016

Essa necessidade de passar o conhecimento da leitura e da escrita de geração a geração, cada vez mais está ganhando importância. Porém, é muito recente essa conscientização em relação ao processo inicial de transmissão da leitura e escrita, principalmente como forma de evitar o número de insucesso na formação final de alunos. As crianças vêm com aquela ansiedade de conhecer e descobrir a forma que o educador vai se expressar para poder adotar a confiança nele.

No tempo em que surgiu a escrita, pouca importância se dava ao processo de alfabetização, até porque a necessidade de domínio da mesma era menor. Aprendia-se e ensinava-se apenas o básico para se comunicar através da leitura e da escrita, tendo como forma de ensino um modelo mecânico. Isto acontecia porque naquela época de escrita primitiva, ser alfabetizado significava saber ler o que aqueles símbolos significavam e ser capaz de escrevê-los, repetindo um modelo mais ou menos padronizado, mesmo porque o que se escrevia era apenas um tipo de documento ou texto.

É possível observar que a forma em que foi realizada a alfabetização foi prejudicial, pois o que foi ensinado se deu de uma forma mecânica e tradicional, que infelizmente, ainda persiste em muitos lugares do Brasil. A mudança deste paradigma é um trabalho bastante árduo.

4.4 Pedagogia do *A'uwẽ'uptabi'*: Pedagogia Diferenciada

Na realidade e o período que estamos vivendo, percebemos o quanto se torna difícil compreender tudo que se passa nas nossas cabeças e ao mesmo tempo conceituar um determinado conhecimento que é diversificado, como os da cultura, que a sociedade colocaram de “etnia”. Os não indígenas costumam dizer que os indígenas são atrasados, mas isso vem se tornando ao contrário, pois os povos buscam restaurar e preservar sua própria existência e buscam dar uma resposta ao mundo através da educação, mas, mesmo assim, falta serem inseridas as necessidades do educador e do educando, como os da fase inicial da aprendizagem escolar.

As manifestações da comunidade, às vezes, são menosprezadas e reprimidas quando a escola necessita, observando ainda, que há inúmeros desafios a serem superados. Temos como exemplo uma pessoa da comunidade, a qual é chamada para atuar na sala de aula para ser educador, mas se encontra nele a maior dificuldade por parte metodológica. Mas, não se pode se pensar só na parte da dificuldade, mas também é preciso encontrar solução para o ponto certo. Às vezes acontece por falta de oportunidade, estar na faculdade ou esforço próprio, mas no sentido do individualismo não se resolve nada.

Na educação tradicional Xavante, obrigatoriamente os indivíduos são formados para realizar trabalhos em comum entre si, porque tudo que ele vê já pratica sozinho, sem nenhuma dificuldade. Os primeiros educadores são os pais, juntamente com os avós paternos e maternos e, aos poucos, vai se estendendo com os tios do mesmo clã, enquanto as crianças estão mais voltadas para sua família do mesmo clã.

Nós, *Xavante*, somos cuidadosos com as crianças quando nascem. Primeiramente, são as avós maternas e paternas que dão a sua ajuda ao novo bebê. Como a criança e sua mãe moram na casa dos avós maternos, a avó paterna, sempre quando pode, visita o bebê para dar assistência à criança recém-nascida até a mãe se recuperar. E a avó materna vai ensinando e dando uma mão no cuidado da criança, diariamente, para que a nova mãe aprenda junto com ela. Assim, as duas avós vão auxiliando a nova mãe no novo trabalho que está assumindo com

responsabilidade e com o cuidado da criança, para ela crescer com saúde, que é importante para toda família Xavante. E depois, toda a comunidade se responsabiliza pela educação.

4.5 O processo natural de ensino da criança xavante

As crianças são orientadas pelo pai ou pela mãe; eles acompanham nos trabalhos cotidianos para poder aprender o que os pais praticam no dia a dia. Os avós também estão sempre presentes nos ensinamentos das crianças, à noite quem ensina a contar as histórias são os avós. De dia, por exemplo, a menina deve também acompanhar para onde a avó quiser ir. A menina está sempre ligada à mãe e deve acompanhar ela em todos os lugares, como buscar dos brotos de buriti, por exemplo. Os brotos compridos servem mais para fazer esteiras e um pouco mais curtos servem para fazer cesta. Elas tiram os brotos para tecer e formar um cesto e quando ficar pronto, serve para colocar outras coisas dentro.

Geralmente, as mães das crianças contam histórias individualmente quando estão sozinhas em casa ou quando a mãe está catando piolho. O ensinamento de uma criança na sociedade xavante é assim: a criança aprende coisas junto com a família sem perguntar quando tiver dúvida; quando tiver dúvida, tem familiares que mostram o resultado e aí, aos poucos, vai absorvendo a prática da casa. Assim a criança aprende como construir artesanato, pois, é intenção de cada um dos pais Xavante que no futuro não deixe esta sua prática tão rica.

Na educação Xavante, tem processo educativo bem diferente da sociedade não indígena, então, apresentam diferenças, tais como respeito ao que se dá na chamada educação nacional, que às vezes muitos acham não existem educação escolar para indígenas.

Quando um jovem Xavante, se desloca da aldeia em busca de outro conhecimento encontra dificuldade, pois bem, por esse motivo que, atualmente, as escolas buscam alternativa para as gerações que estão vindo. Essa diferença que se dá no processo educacional, e principalmente a mentalidade que a maioria do não índio possui a respeito da educação escolar indígena, traz sérias consequências para o grupo, mas as consequências estão mudando através da construção escolar.

4.6 Escola Municipal Nova Jerusalém: sustento de uma escola multisseriada

Nesta seção, apresento uma série de imagens que exemplificam os modos de fazer educação específica e diferenciada na Escola Municipal Indígena de Ensino Fundamental Nova Jerusalém, ou seja, as práticas pedagógicas escolares com as crianças *Xavante*.

Figura 11 – Alunos de Alfabetização da Escola Municipal Indígena de Ensino Fundamental Nova Jerusalém em momento de dança e canto



Fonte: Ferdinando Tsereméi'wa Tseredzatõ, 2015

Figura 12 - Alunos fazendo atividade, na turma multisseriada do 3º à 5º ano



Fonte: Moacir Padzawéré Bumo, 2016

Figura 13 – Momento de aplicação de atividade e orientação do educador, fazendo experiência dentro de um ano

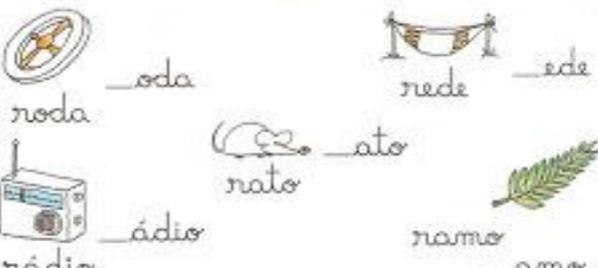
Pinte somente as figuras cujos nomes iniciam com a letra **ɾ**.



rádio panela roda

rato peteca rede

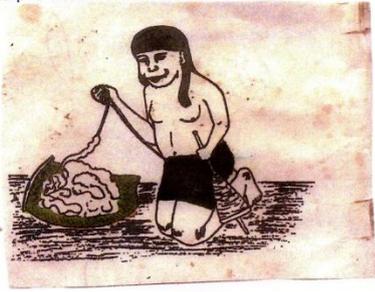
Complete as palavras abaixo com a letra **ɾ**.



roda rede rato

rádio nome

4)Udzana pi'õ abadzi te l'adzidi hã:



5)Upté na aibõ buru hawi imori hã, duré udza na.



Fonte: Autor desconhecido

Na alfabetização também é muito importante, mostrar a comparação entre dois mundos, atrai a cor branca e com desejo de pintar as cores brancas, com isso a criança fica articulada vontade de fazer coisa sozinha, aos poucos vai melhorando a capacidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de qualquer coisa, desde o início que fomos avisados para trabalharmos com a pesquisa, tinha escolhido o tema: A Medicina do povo Xavante, para falar sobre as ervas e raiz medicinais da nossa região, e já tinha coletado algumas fotografias e feito entrevistas com os anciões das outras Aldeias da nossa região T.I. São Marcos. A intenção que tinha sobre a valorização era que os jovens pudessem conhecer as realidades da saúde indígena. Mas, com o tempo de pesquisa, percebi algumas falhas feitas pelos próprios irmãos do nosso povo sobre as necessidades da saúde da nossa região. E pensei em mudar o tema, e, num primeiro momento, foi no encontro pedagógico que observei os trabalhos dos educadores, coordenadores e dos diretores, vendo as dificuldades, interesses e desinteresse pessoais dos profissionais da educação e saúde. Fiquei triste por ter percebido o início do problema do nosso povo: “sonho de se tornar em realidade quando é observado e visto na prática”.

E o sonho não se torna em realidade quando se pensa no individualismo, assim, o tema que escolhi foi: A alfabetização nas escolas do povo *Xavante* na Aldeia Nova Jerusalém: Caminhos para Leitura e escrita na Língua Materna e língua Portuguesa. Nesse caso, comparando a saúde e educação, pode envolver muito a necessidade do povo *Xavante* desde o início da alfabetização, que o princípio da liberdade, direito, lutas, ética, terra e conservação da biodiversidade, auto sustentação, pluralidade cultural, saúde e educação poderá estar no trabalho dos alfabetizadores como temas transversais, dentro das escolas. Mas, no momento, as escolas indígenas, às vezes, são obrigadas a cumprir a disciplina de acordo com o PPP e pela orientação Pedagógica da SEDUC, seja das residências municipais ou do estadual que enfrentam as dificuldades e de decidir sobre a importância de planejamento e de trabalhar com a escola diferenciada.

Por isso alterei o trabalho, e essa pesquisa irá ajudar os profissionais e as gestões das escolas municipais e estaduais a auxiliar e contribuir com as escolas e com a comunidade, indicando como se deve trabalhar com os alunos da alfabetização. E qual seria o princípio da educação escolar indígena na alfabetização de leitura e escrita? Se o desinteresse for maior que a visão daqueles que lutam pela mudança na prática, o trabalho será muito amplo, mas há esperança naqueles que lutam pelos direitos do povo.

E é pensando nisto que gostaria de me expressar em nome dos educandos que sustentam e sonham em alcançar os seus objetivos principalmente no trabalho realizado pelos educadores.

O trabalho em sala, para o educando nos anos iniciais, é um passo muito importante para professores que almejam construir uma educação melhor e de qualidade. Observando as aulas

dos educandos, analisei algumas falhas. Observei também que parte da gestão escolar, educadores em geral e que a comunidade, tem pouco conhecimento sobre a educação e da importância dela. Sabe-se, também, que existe falha na aplicação de verbas e no sustento das aulas.

Nesse caso, são os casos responsáveis a educar os alunos que não percebem esses entraves na educação. Mesmo tendo tanta pesquisa nos tempos que já se passaram, e que estão sendo passados, ainda não se vê o quanto é bom o uso de recursos para uma boa orientação pedagógica. Há outras escolas que se mostram com estrutura inadequada e com a má distribuição do material pedagógico. E, mais uma vez falo o quanto tudo isto é importante para que haja uma compreensão do valor da educação escolar para o nosso povo, e que só com a aplicação adequada dos recursos e de uma formação de professores é que teremos a escola certa, onde todos possam aprender sobre outras culturas e, no caso desta pesquisa, que todos possam ler e escrever na língua Xavante e na Língua Portuguesa.

Com a inserção da criança no mundo da escrita observa-se a vontade externa e interna da mesma e isso ocorre antes da sua entrada na escola para ser alfabetizada, pois seu desenvolvimento anterior se faz numa sociedade etnocêntrica.

Para que essa visão seja respeitada, tenha o seu valor, é necessário que se construa um novo Projeto de escola para que a comunidade compreenda os trabalhos dos gestores e dos professores indígenas que lutam pela alfabetização dos educandos.

Muitos profissionais interessados tentam se esforçar ao máximo, pois a escola representa o principal lugar de acesso à cultura escrita, e devemos propiciar momentos para que o aluno tenha, não só o acesso uma cultura, mas que possa também aprender sobre outras culturas e que saiba utiliza-las em outros momentos da sua vida escolar, transformando e ampliando sua própria cultura.

Enfim, é para isso que nós nos tornamos educadores, para mostrar caminhos possíveis para uma alfabetização centrada na realidade indígena e universal, valorizando sempre a nossa cultura mãe.

REFERÊNCIAS

CAGLIARI, L. C. **Alfabetizando sem o Ba – Be – Bi – Bo – Bu**. São Paulo: Scipione, 1998.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre a alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1985.

FREIRE, P. **A importância do ato ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1985.

RCNEI. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. MEC, Brasília 1998.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 5ª Ed. São Paulo: Contexto, 2007.